

Assimétrico

Dissimetria — 1

A corda que prende seus pulsos acima de sua cabeça numa das vigas do local já lhe incomoda mais do que há algumas horas, o peso de seu corpo já os friccionou bastante contra ela, deixando a região vermelha e dolorida. Os tornozelos, amarrados a uma pilastra às suas costas, o impede de tentar se movimentar demais. Não é de seu interesse fugir no momento, mas já faz horas que está amarrado nessa posição e, depois de correr tanto atrás da suspeita, suas pernas já estão perdendo as forças para manter seu corpo em pé, fazendo com que por vezes tente segurar na corda para sustentar mais seu peso com os braços e aliviar as pernas. Porém é em vão que tente, já que isso só lhe faz machucar mais os pulsos feridos e não alivia por tanto tempo o peso nas pernas, pois não consegue segurar a corda por mais que alguns poucos segundos. Ele só quer se sentar e tomar um pouco de água. A sede, que começou a incomodá-lo há alguns minutos, cresce a cada instante. Ele não se lembra quando foi que tomou água pela última vez. Antes de sair de casa estava tomando uma xícara de café, e antes disso havia tomado outra xícara de café. Agora o arrependimento pelo vício da cafeína lhe atinge.

A roupa que está vestindo também piora o seu desconforto. A calça jeans pesa em suas pernas e a camisa azul de manga comprida, escolhida com cuidado antes de sair de casa para parecer um bom homem, belisca alguns pontos dos seus braços onde o tecido dobra.

Ele não tem mais tanta certeza nesse ponto se a decisão que tomou foi a correta. Quando decidiu ir atrás da suspeita sozinho, sem falar com seu parceiro ou avisar seu superior, não imaginava que estaria nessa situação algumas horas depois.

Ele ainda não entende o porquê agiu assim. O ponderado investigador Ten, que anda pelas regras e cumpre seu dever com elogiosa sensatez, nunca faria o que fez. Mas, mesmo assim, ele o fez e agora tenta entender como chegou ao ponto de ser tão impulsivo.

Talvez Haechan estivesse certo quando lhe disse que ele estava se envolvendo demais no caso. As palavras que ele havia usado eram: "obcecado pela suspeita". Ten achou um exagero.

É a mais pura curiosidade o que o mantém interessado. A garota é esperta e tinha fugido de todas as armadilhas que haviam armado até então. Não tem passado, nem família ou amigos, nem história e está fugindo, sobrevivendo a tudo e a todos sozinha, enquanto parece brincar de esconde-esconde com a polícia. E ela agora tem em seu poder o egocêntrico e orgulhoso delegado Ten, que se sente humilhado por ter perdido essa luta. De novo.

Ten escuta barulho de passos vindo de trás dele, da entrada do andar. Está escuro lá fora e deve demorar para o sol nascer ainda. O local onde está é um prédio em construção numa área da cidade abandonada há anos. O prédio parece o único que o tempo não destruiu, apesar de ele não ter sido terminado.

Os passos se aproximam dele, mas ninguém aparece em seu campo de visão.

— Você sabe que eu te ouvi, certo? — Ten fala, mas não há resposta. A garganta seca quase impede sua voz de sair.

Alguns minutos passam sem que ninguém se pronuncie, o silêncio vez ou outra sendo quebrado pela respiração de Ten. Ele sente que está sendo observado e, apesar de gostar de ser o centro das atenções e sempre buscar pelos holofotes, o olhar silencioso dela o incomoda porque não consegue vê-la. Ele sente a curiosidade que o fez agir impulsivamente lhe atingir como um soco no estômago, lhe causando um frio na barriga e uma inquietação que se espalha pelo seu corpo e acelera seu coração. Ele encosta a cabeça na pilastra e respira fundo, tentando se acalmar.

“Não é hora de perder o controle, Ten”, ele pensa.

— Qual é o seu plano? — Ele tenta novamente conversar. — Matar um homem da justiça de tédio? Ou você quer me deixar cansado e fraco o suficiente pra não conseguir te prender? - Ninguém responde.

Ele acrescenta:

— Admito que se o objetivo for me cansar você tá conseguindo.

Ten volta a ficar em silêncio e escuta um movimento deduzindo que ela se sentou no chão.

— Eu queria me sentar também.

— Não vai acontecer.

A voz dela chega pela primeira vez aos seus ouvidos, atijando mais sua curiosidade. Ele se dá conta de que desde que essa novela começou, ainda não a havia ouvido falar. É uma voz calma, melodiosa, mas que parece lhe sair com certa dificuldade, talvez por não ser usada com tanta frequência. A surpresa de ouvir a voz dela o faz esquecer por alguns instantes o que estava tentando fazer anteriormente. Ele respira fundo mais uma vez e volta a falar:

— Então você sabe falar! - provoca.

— E você fala demais - ela retruca.

— Bem, não tenho muitas distrações aqui no momento e falar me distrai.

— Cuidado, senão vai morrer de desidratação. Seria melhor economizar saliva.

— Você não vai me deixar morrer, eu sei — Ten fala sorrindo. Ele acha engraçado que ela esteja tentando ameaçá-lo.

— Você não sabe nada.

— Se você fosse me matar já teria feito isso. Acho que você não tem coragem — provoca novamente, e antes que perceba ela se aproxima colocando a lâmina de uma faca contra o seu pescoço. Ele sente a lâmina contra sua pele e inconscientemente força seu corpo contra a pilastra tentando em vão se afastar. Ela ainda não entrou em seu campo de visão, mas Ten consegue sentir que está bem perto dele.

— Parece que não tem tanta confiança assim com a faca no pescoço — ela provoca, sua voz muito próxima do ouvido de Ten, ameaçadora. O frio em sua

barriga volta, mas o que ele sente é curiosidade, de novo, não tem medo. Seu coração acelera e sem perceber ele prende a respiração.

Ele relaxa o corpo depois de alguns instantes fazendo com que a lâmina comece a arranhar sua pele e como reflexo ela afasta rapidamente a faca.

— E você não consegue blefar tão bem assim - ele diz, e ela se afasta novamente.

— Eu poderia te matar — ela volta a ameaçar.

— Sim, mas não vai — ele conclui com tranquilidade sentindo o local onde a lâmina encostou arder.

A luz azulada da lua agora entra pela janela sem vidros com mais intensidade, clareando o andar. Junto com ela o vento da madrugada torna o ambiente mais frio.

Ten escuta ela andar de um lado para o outro atrás dele, e depois ouve o barulho de uma cadeira sendo arrastada. Em seguida, para sua surpresa, ela coloca a cadeira a uns três metros de distância dele, onde um feixe de luz que entra pela janela termina e a sombra da parede começa, e se senta apoiando os braços nas costas da cadeira, virada para ele.

Ela está com o cabelo cacheado e volumoso solto tampando parte do seu rosto e causando uma sombra que impede que Ten veja com nitidez sua expressão. Mas a imagem dela sob aquela pouca luz o lembra a de uma pintura monocromática antiga pela qual ficou fascinado uma vez quando mais jovem. Esta que era a imagem de uma linda mulher pintada a óleo lhe deixava fascinado na mesma intensidade que lhe entristecia e atiçava sua curiosidade em saber se a mulher do quadro existiu e se o artista, descrito como desconhecido, a havia pintado de sua cabeça ou se a mulher posara para ele. Ten achava difícil ele ter pintado um olhar tão intenso sem conhecer a dona dele e olhando para ela, que também o observava pensativa, agora brincando com a faca em sua mão, teve a certeza de que se a mulher da pintura ganhasse vida seriam parecidas.

— Por que veio sozinho? — ela quebrou o silêncio primeiro.

— Estava curioso — ele foi sincero.

— Seu trabalho não era me prender?

— Deveria ser, não é?

— Então, concorda que não faz sentido você ter me deixado fugir e depois ter vindo para o que claramente era uma armadilha?

— Eu não te deixei fugir. — Ele não quis admitir o óbvio, e por um momento se repreende, pois com certeza parece patético negar isso a essa altura.

— Sei - ela debocha. — Eu estava encurralada e você simplesmente me deixou ir.

— Pode ser que do seu ponto de vista pareça que eu te deixei fugir, mas do meu ponto de vista não foi o que aconteceu.

"Por que tá negando, Ten?" — ele se pergunta.

Ela pega uma garrafa de água que estava escondida na sombra atrás da sua perna no chão, abre e toma, saboreando com calma de olhos fechados deixando que um pouco escorra de propósito da sua boca. Ten observa cada movimento

entrando na provocação, tomando novamente consciência da sede que sente e inconscientemente abre a boca saboreando o ar imaginando tomar um gole daquela água. Quando metade da garrafa já se foi, ela olha para Ten com um sorriso quase imperceptível por vê-lo inquieto.

— Com sede? — ela provoca.

— Maldade... — ele reclama, a voz presa na garganta.

Ela levanta da cadeira deixando a garrafa no chão onde está iluminado. Ten foca na garrafa, perdendo por instantes a noção do que está acontecendo à sua volta. Nunca sentiu tanta sede quanto nesse momento, e não poder tomar aquela água é torturante. A dor nos pulsos incomoda mais, pois inconscientemente seu corpo tenta se aproximar da água, fazendo a corda friccionar mais contra a área já ferida.

— Vamos fazer um trato? — Ele se assusta com a voz dela ao seu lado. Não a viu se aproximar.

— Que trato?

— Você não mente pra mim e para com esse jogo infantil que está tentando fazer e eu te deixo tomar um gole de água. — Ela aponta para a garrafa com a faca fazendo com que Ten volte a olhar para ela.

— Por que eu deveria aceitar?

— Prefere morrer de sede? — Antes que ele responda, ela anda até a garrafa, a empurra com o pé fazendo com que tombe e derrame no chão o restante da água. — Quando estiver disposto, a gente volta a conversar.

— Espera! Maia! — ele a chama, mas ela já foi embora. — Ela vai me matar— ele constata frustado, mas com um sorriso divertido nos lábios —, e eu não devia estar gostando disso...

Abrace-me

1. Eunjin

Já é o terceiro dia em que está presa nesse prédio residencial. Ela está num pequeno apartamento do quarto e último andar com as portas e janelas fechadas. A poeira que entrou antes dela fechar tudo cobre os móveis e tornam o ambiente mórbido, mas até alguns dias antes aquela era provavelmente a casa de um casal, como indicam os porta retratos em cima de alguns móveis. A porta de entrada dá para uma sala conjugada com uma pequena cozinha onde uma bancada divide os dois ambientes. A sala tem um sofá branco de dois lugares, uma mesa de centro de madeira clara e uma televisão em cima de um rack também. Uma porta do lado do rack dá para um banheiro e a porta do lado dela, para um quarto com uma cama de casal, onde agora Eunjin está deitada.

A fome está piorando. Ela já procurou em todos os apartamentos que conseguiu abrir por comida e o pouco que encontrou já acabou. Seu estômago dói e ela está considerando sair para procurar mais. Porém o medo lhe está mantendo deitada.

Há cinco dias entrou em uma loja de conveniência. Ela sentia seu corpo desfalecer a cada passo pois, àquela altura, já estava sem comer há quase três dias. As lojas pelas quais havia passado já não tinham mais nada e quanto mais andava mais seu corpo sofria com a fome e a sede. Ela queria desistir, mas naquela loja encontrou um pacote de miojo debaixo de uma das prateleiras e uma garrafa pequena de água. O miojo ela dividiu em dois e o comeu cru, uma metade em um dia e outra metade no dia seguinte. A água durou três dias. Essa pobre refeição lhe deu forças para andar mais um pouco e entrar no prédio onde está agora.

Mas ela sabe que se sair não vai encontrar comida por perto e a chance de encontrar um infectado é grande, pois no dia anterior ela ouviu um grito de uma mulher por perto. Talvez alguém que foi mordida. Ao mesmo tempo, se ela não sair dali, vai morrer de fome ou desidratada, e não seria essa a vontade de sua irmã.

Ela sente saudades de Eunna. Às vezes lembra da voz da irmã lhe dizendo "Você consegue!" ou "Você é mais forte do que pensa!" ou "A mamãe ficaria orgulhosa de você!".

Eunjin sempre desconfiou se sua mãe estaria orgulhosa dela, mas tinha certeza que ela se orgulharia de Eunna, da sua força, da sua persistência. Eunna saberia o que fazer agora, não ela que está ali, deitada, sentindo pena de si mesma e desistindo por medo. Eunna não desistiu quando a mãe delas adoeceu, nem quando ela faleceu ou quando a justiça quis levar Eunjin para um orfanato. Eunna não desistiu quando sentiu fome a primeira vez, nem nas vezes que se sucederam. Em vez disso cedeu a Eunjin o pouco que restava em detrimento de si. E quando se

viram pela última vez Eunna ainda estava se sacrificando por Eunjin. Ela ainda não havia desistido.

Não. Eunjin não é forte como a irmã, mas lhe prometeu que faria o necessário para sobreviver e assim seria.

Fazendo um esforço grande ela se levanta da cama e anda até o banheiro onde há uma banheira. Ela abre a água e limpa a banheira. Por falta de fontes de energia a água não é quente, mas um banho, mesmo frio, pode ajudar. Banho, que era algo tão normal, uma rotina, agora é sorte. Enquanto a banheira enche ela tira sua roupa sentindo-se estranha. Seu corpo não parece mais o mesmo depois de tantos dias sem comer direito. Está mais magra que deveria, seu cabelo parece sem vida e seu rosto, pálido. Em um armário debaixo da pia ela encontra um sabonete líquido neutro sem cheiro. Ela não sabe se aquelas criaturas sentem cheiro, mas prefere não brincar com a sorte. Entra na banheira e a água gelada lhe causa um choque, mas também lhe desperta os sentidos.

Ela fica alguns minutos na água, lava o corpo e os cabelos longos e se sente revigorada. O banho parece até mesmo ter melhorado a dor de estômago. Ela vai até o quarto abrindo um armário onde há algumas roupas. Ela tira de lá uma calça jeans preta, uma blusa de manga comprida branca de tricô, uma jaqueta de inverno e algumas peças íntimas que parecem novas além de meias e luvas. A roupa não lhe serve muito bem por causa de todo o peso que já perdeu, mas é melhor que as roupas rasgadas que usava antes. Ela pega também uma mochila onde coloca mais algumas poucas peças de roupa e sai do apartamento com cuidado, porém decidida a viver mais um dia por Eunna.

Quando chega ao térreo redobra a atenção, procurando movimentos suspeitos ou barulhos estranhos, mas não há nada. Ela anda alguns quarteirões e passa por algumas lojas de conveniência, mas não encontra comida nelas.

Entra em mais uma loja e finalmente encontra água. Duas garrafas de um litro cada. Se racionar bem deve durar quase uma semana. Enquanto guarda as garrafas na mochila o barulho da porta da loja se abrindo lhe deixa em guarda. Ela se esconde atrás de uma prateleira e escuta passos se aproximando de onde ela está. Ela tenta ver se é um infectado, mas não consegue saber quando vê uma silhueta cruzar o corredor para onde olha. Ela anda para o lado oposto ao que a pessoa foi com cuidado e passa por uma porta onde fica os banheiros da loja.

A pessoa continua a andar pela loja e abrindo uma fresta na porta Eunjin consegue ver um jovem, com mechas loiras no cabelo castanho escuro, vestindo uma jaqueta preta de inverno com o capuz sobre a cabeça e uma mochila nas costas. Ele provavelmente procura por comida também e não parece infectado. Depois de não encontrar nada ele vai em direção à saída da loja.

Eunjin decide seguir o rapaz. Ela não acha que é uma boa ideia abordá-lo de repente. Pode ser que ele seja uma pessoa ruim que queira feri-la. Não é raro algo assim acontecer. Depois que o mundo desmoronou, muitas pessoas que não foram infectadas se tornaram agressivas. As leis que regiam a sociedade caíram por terra e algumas dessas pessoas acham que colocar seus desejos cruéis para fora é o certo a se fazer, pois se amanhã podem morrer, por que não expressar sua raiva e animosidade hoje?

Então Eunjin o segue com cautela, pois se aquele cara quiser ele pode matá-la. Ela é mais fraca, está faminta e seu corpo quase não pode se manter sobre seus pés. Seria fácil matá-la. Ou coisa pior.

Ela continuou lhe seguindo por alguns quarteirões. Ele entrou em duas lojas no caminho, mas ela não pode ver se ele conseguiu encontrar algo. Depois de mais alguns minutos ele entra numa construção passando por um plástico branco onde provavelmente antes era uma porta. Eunjin fica na dúvida se deve falar com ele ou não. Ela ainda não achou comida e logo vai voltar a escurecer. Ela pensa que se ele for uma boa pessoa e tiver algo para comer em seu abrigo talvez ela compartilhe com ela, mas, ao mesmo tempo, ele pode ser alguém que não vai se importar com ela e apenas mandá-la embora.

Ela se sente fraca de novo. A longa caminhada lembrou ao seu estômago os dias sem comer e agora ele doi. Sua cabeça também doi e ela chega à conclusão de que provavelmente não conseguirá chegar em lugar nenhum nesse estado. A única escolha que ela tem agora é tentar falar com o rapaz. Ela olha para o céu claro e sem núvens que parece ignorar a confusão em que sua cidade está agora. Ele está bonito como nunca antes ela havia visto. Ela respira fundo e caminha sentindo seu corpo protestar até chegar na entrada por onde o rapaz passou.

Ela levanta um pouco o plástico com cuidado para não chamar atenção, mas o que vê dentro da casa a assusta: o rapaz está sentando ao lado de uma infectada. Com o susto ela faz um movimento brusco fazendo barulho e o rapaz a vê. O primeiro instinto dela é fugir, mas depois de poucos passos o mundo ao seu redor gira e escurece.

Meu sol

Capítulo 1 — O começo

— Não, mamãe. Tá tudo bem! — Kayla fala com a mãe segurando o celular com a mão direita, enquanto tenta colocar a mala grande azul turquesa de rodinhas dentro do elevador e não deixar a bolsa grande da mesma cor no seu ombro direito cair.

— Pena que a mamãe não pôde ir te ajudar, minha filha. Queria tanto poder tá aí...

— Não tem problema, mamãe. — Kayla consegue finalmente entrar no elevador. — Já tá tudo sob controle agora. Já cheguei, já entrei no prédio e é só arrumar minhas coisas no quarto.

— Tá bem, minha garotinha. Mamãe te ama, viu? Vou sentir saudades...

— Também te amo, mamãe.

— Te amo, minha fia!

Kayla ouve o pai gritar ao fundo da chamada antes de desligar o celular e apertar o número 5 no painel do elevador. Quando a porta abre, ela tem dificuldade de novo com a mala. Nas últimas horas perdeu a conta de quantas vezes se arrependeu de ter colocado tanta coisa nela, mas sabia que se pudesse voltar no tempo teria feito o mesmo. Ou pior.

Ela anda pelo corredor procurando o número 526 que é a última porta do corredor e tira o cartão que havia recebido na recepção ao entrar no condomínio encostando-o, em seguida, no painel do lado direito da porta. O aparelho toca três notas agudas e a porta dá um clique, abrindo. Ela a empurra com o ombro enquanto puxa a mala, deixando os sapatos atrás da porta do lado esquerdo da entrada depois dela fechar. Do lado direito, há uma porta que Kayla deduz ser do banheiro pela planta baixa que viu no folheto que recebeu da universidade. Ela entra na sala, que é o próximo cômodo depois do pequeno corredor da entrada, onde há um sofá de dois lugares, seguido de uma mesa de centro e uma televisão na parede à direita da entrada. Dois puffs fazem a divisão entre o corredor e a sala, e atrás do sofá uma meia parede deixa visível uma cozinha pequena. Do lado direito da televisão uma porta aberta mostra o quarto.

— É maior do que eu pensei.

Kayla deixa as malas na sala e vai até a cozinha abrindo os armários e vendo que estão abastecidos. Talvez sua colega de apartamento tenha chegado primeiro. Ela volta indo para o quarto vendo que as camas box de solteiro são maiores do que a cama que tem em seu quarto em casa. Uma grande janela se estende pela parede de frente para a porta e a parede oposta às camas é coberta por um grande armário com dois espaços onde ficam as escrivaninhas.

Kayla abre as portas do armário. As duas partes mais próximas da porta estão vazias enquanto as mais próximas da janela estão cheias de roupas coloridas. Kayla pensa que sua colega de quarto deve ser bem rica, pois as roupas parecem caras, e há tantas que quase não cabem no armário. Ela olha para o jeans surrado e

empoeirado que está usando e se sente aliviada por não ter precisado encontrar ninguém vestida daquela forma. As roupas em sua mala são novas, mas ela não quis viajar tantos dias de ônibus, passando por estradas de terra, com elas, seria um desperdício.

Ela começa a arrumar suas roupas na primeira parte do armário, sentindo-se orgulhosa por ter conseguido dinheiro suficiente para renovar o seu guarda roupas com peças mais adequadas ao lugar onde vai passar os próximos anos da sua vida. Provavelmente não iria parecer uma das pessoas ricas dali, pois nada em sua mala era de marca, mas torcia que fosse o suficiente para pelo menos passar despercebida. Ao terminar, a segunda parte do armário está totalmente vazia, enquanto a primeira ainda tem espaço para mais coisas. Uma variedade de blusas pretas e cinzas e calças pretas de vários modelos é o que compõe seu armário. Ela decide comprar mais coisas depois. Pelo que viu do armário da colega, sua visão da universidade estava um pouco distorcida e vai precisar de mais coisas para sobreviver ali, com certeza. Mas decide que essa é uma preocupação para a Kayla do futuro, no momento ela só quer tomar um banho e descansar da longa viagem.

*

No dia seguinte, Kayla acorda cedo, animada. É a primeira vez que vai entrar no campus da universidade. Hoje é o dia do *tour* dos calouros. Sua colega de quarto não apareceu, então ainda está sozinha no apartamento. Ela escolheu sua roupa na noite anterior para não se atrasar hoje e já tem algum tempo que está sentada no sofá mexendo no celular. Ficou pronta cedo demais. Ela veste uma calça jeans preta com uma blusa preta de tecido leve e um *All Star* de cano alto cinza escuro. Seu cabelo curto preto ainda está molhado devido à quantidade de creme que passou para ativar o cachos.

Finalmente ela decide sair, se levantando e passando os dedos no couro cabeludo para soltar os cachos e dar volume ao cabelo. Ela se olha no espelho grande na parede ao lado da porta do banheiro, se achando bonita, e sai do apartamento.

A universidade não fica tão longe do complexo de apartamentos em que está, mas por causa do calor, ela decide entrar no ônibus para alunos que está parado em frente ao seu prédio quando sai. Dentro do ônibus uma voz anuncia os blocos próximos às paradas, e quando ouve "Bloco 6" ela desce.

O lugar é gigantesco. A mão e a contramão da rua é dividida por um canteiro central gramado, com árvores distribuídas ao longo dele e um caminho de pedras o dividindo ao meio por onde algumas pessoas caminham. Outras pessoas usam a ciclovia que fica entre as ruas e o canteiro. Os prédios de vários cursos se estendem a perder de vista.

O ponto onde Kayla desceu é bem em frente ao prédio com uma placa escrito "Bloco 5". Ela atravessa as ruas e o canteiro chegando em frente ao prédio do outro lado, onde a placa com os dizeres "Bloco 6" está. Uma faixa, com "Sejam bem-vindos, calouros!", está estendida em frente ao prédio com alguns balões em

volta e também há uma mesa onde algumas pessoas fazem uma fila para pegar um crachá grande com seu nome escrito. Uma mulher com o crachá escrito "Cristina - Veterana do Curso de Música" organiza a fila pedindo que os calouros entrem nela. Kayla caminha até lá.

Uma menina, que chega depois dela, toca em seu ombro.

— Com licença. Essa é a fila do curso de música? — ela pergunta.

— É sim — Kayla responde.

— Você também é caloura, né?

— Sou.

Kayla se vira para ver melhor a menina. Ela tem pele negra, cabelos trançados que chegam na altura da cintura e um sorriso alegre no rosto. Veste uma camiseta rosa choque escrito "Find You" com um símbolo que parece uma mistura de um M com um X na cor branca, uma saia rodada amarela com a barra um pouco acima do joelho e um tênis branco.

— Eu vim direto do aeroporto, então tô um pouco perdida. Meu nome é Ana, e o seu?

— Espera. Você é Ana Santos? — Kayla a reconhece. — A cantora?

— Tô mais pra influencer hoje em dia, na verdade. Mas sou eu sim.

— Não acredito! Eu amo sua voz!

— Obrigada. — Ana faz uma reverência segurando a ponta da saia e dobrando os joelhos, rindo. — Mas qual é seu nome, senhorita minha fã.

— Desculpa! Meu nome é Kayla Lira, Mileide. — Kayla entra na brincadeira fazendo uma reverência e rindo também.

— Seu nome é lindo! É Lira tipo o instrumento musical?

— Sim.

— Legal!

Kayla vira para mesa onde o veterano pede seu nome e o escreve no crachá, que tem um barbante para colocar no pescoço. Ela espera Ana que não demora muito.

— Esse crachá não combina nada com minha roupa — Ana reclama quando chega perto de Kayla. — Eu devia ter vindo de preto igual você. Combina com tudo.

— Bom, meu guarda roupas é todo preto e cinza, então qualquer coisa que eu usasse iria combinar.

— Esperta, você. Mas seu rosto me parece familiar também. Você é artista ou algo assim?

— Eu...

— Me acompanhe, pessoal. — Outra veterana que guia os alunos para dentro do prédio interrompe a conversa das duas.

Elas a seguem para uma volta em algumas salas do prédio de música. Tudo parece grande e luxuoso demais aos olhos de Kayla; é um sonho estar ali. Já Ana parece familiarizada com o ambiente.

— Agora os alunos de fotografia vão tirar fotos de vocês para o álbum de lembranças. Me sigam! — A veterana os guia para fora do prédio onde uma sessão de fotos com alunos do curso de fotografia acontece e os organiza em uma fila.

— Eu vi uns rostos conhecidos por aqui — Ana diz quando a veterana vai conversar com os alunos que estão responsáveis por tirar as fotos. — Devo te alertar a ficar esperta.

— Por quê?

— A maioria dos que eu vi não são pessoas que você pode confiar. Eles só pensam em si mesmos independente de prejudicar ou não os outros.

— Tipo aqueles ricos característicos de filmes.

— Exatamente assim.

— Pessoal, a turma de design está terminando e em seguida serão vocês. — A veterana volta para onde elas estão. — Depois nós vamos para o auditório onde teremos uma palestra do diretor.

— Auditório? — A palavra traz más lembranças a Kayla.

— Pelo que ouvi, tá mais para um teatro — Ana diz. — Dizem que o pessoal de artes cênicas apresenta uma peça todo semestre lá. Talvez nós possamos nos apresentar lá também algum dia.

Ela soa animada, porém o coração de Kayla acelera e uma repentina vontade de fugir lhe atinge. Ela respira fundo tentando se controlar. Enquanto olha em volta procurando uma rota segura de fuga, uma voz lhe chama atenção. Até esse momento ela ainda não havia olhado com calma para onde o grupo de alunos de fotografia está, pois prestou mais atenção no que Ana e a veterana, que as estava guiando, falavam.

Os alunos de fotografia estão reunidos em frente ao bloco 8 onde a parede de tijolos serve de cenário para as fotos. Dois alunos seguram rebatedores de luz, dois organizam os alunos que vão ser fotografados, dois estão em uma mesa com notebooks e dois tiram fotos, um dos calouros e o outro dos bastidores.

A voz que chamou a atenção de Kayla é do aluno que tira as fotos dos outros calouros. É uma voz suave que dá instruções aos fotografados e aos responsáveis pela luz. De onde está, Kayla não consegue ver muito bem o rosto dele, pois está de perfil para ela. Mas ela vê que quando ele sorri sua bochecha se destaca. A pele morena brilha na luz do sol, e quando ele afasta a câmera do rosto alguns fios do cabelo preto caem sobre seus olhos, fazendo com que ele passe a mão trazendo eles para trás antes de voltar a olhar através da câmera.

— Rayel — Ana diz.

— O quê? — Kayla volta a atenção para ela, não mais sentindo vontade de fugir.

— O nome do fotógrafo que te distraiu da conversa informativa que estávamos tendo. É Rayel.

— Eu não me distraí.

— Claro que não. Eu só estava falando com uma estátua de repente — Ana ironiza. — De qualquer forma, ele é uma das poucas boas pessoas nesse lugar. Ele e a irmã dele são pessoas realmente boas. Você escolheu bem!

— Como assim? Eu não disse nada.

— Tá na sua cara. Amor à primeira vista! — Ana fez gestos como se estivesse em uma peça de Romeu e Julieta. — Digno de Shakespeare.

— Você é doida, com certeza. Eu só estava olhando.

— Sim, claro.

A fila em que estão começa a andar. Quando chega mais perto, Kayla consegue ver melhor Rayel. Parece alguém tranquilo e atento. Mesmo tendo que trabalhar rápido nas fotos ele não parece estar fazendo de qualquer jeito e nem parece que está tentando apressar as coisas. Apenas está ali, fotografando com calma, falando de modo que quem está sendo fotografado fique à vontade e repreendendo com o olhar os outros alunos que parecem querer terminar logo o serviço.

Chega a vez de Kayla. Ela se posiciona onde um aluno a indica para ficar. Rayel está de costas trocando o cartão de memória da câmera. Ele não é tão alto, veste uma calça jeans e uma blusa polo preta. O cabelo ondulado parece maior do que deveria estar, pois ele está incomodado tirando fios de frente dos olhos a todo momento. Kayla olha para o lado onde Ana, que já foi fotografada, está fazendo de novo a mímica de Romeu e Julieta.

— Vamos lá? — A voz suave de Rayel chama atenção de Kayla.

Finalmente ela tem uma boa visão dele de frente, e a primeira coisa que ela pensa é que ele é fofo. As bochechas realmente se destacam quando ele sorri e seus olhos diminuem de tamanho. Mas quando ele fica atrás da câmera o adjetivo “belo” vem à mente de Kayla e logo em seguida ela pensa que com certeza foi influenciada pelo Shakespeare de Ana, pois “belo” é uma palavra que não está em seu vocabulário nessa conjugação. Geralmente ela pensaria algo como bonito ou lindo, mas belo soa antigo em sua cabeça.

— Você pode sorrir se quiser — Rayel diz.

Kayla sorri e Rayel segue dando instruções. Ela não gosta muito de câmeras, mas dessa vez parece fácil ficar na frente de uma, pois ele realmente sabe deixar alguém à vontade. E rapidamente acaba a sessão de fotos. Kayla foi uma das últimas da turma.

Todos, então, vão em direção ao auditório. No caminho, Ana vai falando algumas coisas sobre algumas pessoas que conhece, na maior parte das vezes coisas que eles fizeram de ruim ou fofocas em que estavam envolvidos. Muitos ricos e famosos estudam ali.

— Como você sabe tanto? — Kayla pergunta em certo ponto da conversa.

— Quando você está no mundo deles não há como não saber. Mas a maioria finge que não sabe, porque todos tem rabo preso.

Elas entram no auditório que é realmente grande e os calouros de todos os cursos estão lá. O lugar está cheio, e Kayla começa a se sentir um pouco ansiosa, mas respira fundo e senta ao lado de Ana. O diretor sobe no palco se apresentando e falando sobre a universidade. Ele começa a fazer algumas piadas sobre dinheiro, fama e prestígio que aparentemente todos entendem, mas Kayla não.

Sua ansiedade começa aumentar. O som das risadas de repente parece estar direcionado para ela e a lembrança que isso lhe trás não é nada boa. Ela sabe que se não sair dali logo vai ser pior.

— Preciso sair daqui — ela fala com Ana e levanta antes que ela responda.

Ela anda para o fundo do auditório onde está a saída, seu passo acelerando cada vez mais, até que finalmente alcança a porta e a empurra. A luz de fora a cega por um instante e sem querer ela esbarra em alguém caindo no chão. Quando ela olha para cima e suas vistas focam na pessoa à sua frente, ela vê Rayel lhe estendendo a mão para ajudá-la a se levantar.